

Antônio Carlos Vitte

Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Unicamp
acarlosvitte@gmail.com

Kalina Salaib Springer

Departamento de Metodologia de Ensino, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (SC)
Springer.Kalina@gmail.com

O conceito romântico de humanidade e sua influência nas críticas de Alexander von Humboldt à colonização espanhola na América

Resumo

Alexander von Humboldt foi um crítico feroz da colonização espanhola na América, caracterizada pela brutalidade e pela perversidade deste projeto colonial à vida humana, à natureza e à cultura universal. Suas críticas embasavam-se na concepção de humanidade conforme construída pelo movimento romântico alemão, cujas matrizes foram Novalis e Schelegel. Influenciados por Fichte, para quem a liberdade era uma condição necessária para a realização da humanidade, Novalis e Schlegel atribuíam à subjetividade e à intersubjetividade um importante papel político na construção do pertencimento a uma comunidade e na formação cultural da humanidade, que, para Herder, apresentava particularidades histórico-geográficas.

Palavras-chave: Humboldt, Humanidade, Comunidade, América Espanhola, Escravidão, Novalis, Herder.

Résumé

LE CONCEPT ROMANTIQUE D'HUMANITE ET SON INFLUENCE DANS LES CRITIQUES D'ALEXANDER VON HUMBOLDT A LA COLONISATION ESPAGNOLE EN AMERIQUE

Alexander von Humboldt a été un critique féroce de la colonisation espagnole en Amérique, caractérisée par la brutalité et la perversité de ce projet colonial à la

vie humaine, la nature et la culture universelle. Les critiques de Humboldt sont été basées dans la conception de l'humanité construite par le mouvement romantique allemand à partir des réflexions de Novalis et Schlegel. Ceux-ci, influencés par Herder et Fichte, postulaient que la liberté était une condition nécessaire à la réalisation de l'humanité de l'homme, où la subjectivité et l'intersubjectivité agiraient dans la sociabilité et la construction du sentiment d'appartenance communautaire. Humboldt conçoit la communauté comme étant le produit d'une unité téléologique entre la culture et la nature, chacun avec sa propre histoire et sa propre richesse, dans leurs langages seraient l'expression de leurs points de vue et de leurs géographies.

Mots-clés: Humboldt, humanité, communauté, Amérique espagnole, esclavage, Novalis, Herder.

1. Introdução

Uma rápida análise em algumas obras de referência sobre a historiografia da geografia revela que as mesmas procuram estabelecer uma relação direta e unívoca entre Alexander von Humboldt e a gênese da geografia física, enquanto que estaria a cargo de Carl Ritter o lançamento das bases da geografia humana (MORAES, 1984; ANDRADE, 1992; MENDOZA; JIMÉNEZ; CANTERO, 2002; CLAVAL, 2006; UNWIN, 1995).

No entanto, uma leitura mais apurada de algumas obras de Humboldt, como *Reisen in den Tropen Amerikas* (HUMBOLDT, 1969), *Südamerikanische Reise* (HUMBOLDT, 1975), *Briefe aus Amerika* (1799-1804) (HUMBOLDT, 1993), *Reise in die Äquinoctial-Gegenden des neuen Continents ou Cuba-Werk* (HUMBOLDT, 2008a) e *Mexico-werk: politische ideen zu Mexico* (HUMBOLDT, 2008b), evidenciam sua visão sobre a escravidão, a organização política e da elite espanhola nas colônias americanas. Ao expressar sua opinião sobre os problemas ambientais advindos do domínio espanhol nas Américas, Humboldt revela sua filiação ao movimento romântico alemão que valorizava as mais diferentes manifestações do humano na superfície da Terra, tais como a música, as festividades, os mitos, assim como a diversidade linguística dos povos.

Nestas obras, Humboldt deixa transparecer sua filiação epistemológica à concepção herderniana de comunidade, entendida como sendo o produto de um entrelaçamento entre a natureza e a cultura. A partir deste pressuposto, Humboldt acreditava que a colonização nas Américas

punha em risco as comunidades e seus saberes; o fim das comunidades americanas representava o fim das várias e infinitas geografias e, ao mesmo tempo, o empobrecimento da humanidade, uma vez que, para Humboldt e os românticos, a humanidade se caracterizava por ser diversa, diferente e integrada ao cosmos.

É neste sentido que, na contramão das concepções correntes na historiografia da geografia, o presente artigo tem como objetivo resgatar as reflexões de Alexander von Humboldt sobre a humanidade e sobre o ser humano, uma vez que Humboldt não fazia distinção entre o humano e o natural. A este respeito, é importante destacar que o horizonte epistemológico de Humboldt formou-se a partir de uma complexa teia que envolveu teses e premissas do romantismo, com os fundamentos da causalidade do mecanicismo newtoniano (SILVEIRA, 2008).

Este fato o diferenciou dos demais naturalistas e pensadores da época, pois Humboldt realizou reflexões que eram próprias da metafísica do movimento romântico (BEISER, 2002), particularmente aquelas desenvolvidas por pensadores como Novalis, Schlegel e Schelling, instrumentalizando-as a partir das premissas do mecanicismo newtoniano. Com isto, Humboldt influenciou todo um *modus operandi* de reflexão sobre as relações homem-natureza e, com o aporte da filosofia kantiana, organizou os fundamentos de uma nova concepção de espacialidade que interferiu diretamente na organização da ciência geográfica.

Vale destacar que a concepção de humanidade em Humboldt foi herdeira de um debate que remonta ao século XVIII, cujo foco era a raça e que foi revolucionada por Kant com o conceito de humanidade, a partir do qual a cultura, a história e a sensibilidade passaram a ser os principais critérios de investigação.

Assim, neste artigo, construiremos o trajeto sobre a discussão de raça e de ser humano, chamando a atenção para a importância da geografia para a análise do meio geográfico. Será Kant, com seu conceito de humanidade, que irá revolucionar as análises sobre os povos: Esta posição kantiana permitiu as reflexões de Herder e de Fichte que, por sua vez, impulsionaram o movimento romântico, do qual Humboldt foi um pensador-cientista representativo.

2. As concepções de natureza humana e homem na Alemanha do século XVIII e primeira metade do XIX

O século XVIII presenciou um brusco alargamento espacial do mundo, onde uma multiplicidade de formas naturais e humanas passou a questionar a validade das categorias filosóficas e epistemológicas desenvolvidas na Europa, o que acarretou uma profunda transformação nos horizontes de pensamento e nos sistemas de valores. O contato direto e as informações advindas das explorações geográficas e das viagens dos naturalistas revelavam uma enorme diversidade geográfica de ambientes exóticos e de hábitos de vida de outros homens que habitavam espaços e climas totalmente diferentes dos europeus. Estas diferenciações e multiplicidades de arranjos paisagísticos e entre os homens na superfície da Terra obrigou a filosofia e a ciência europeias a repensarem suas categorias que até então sustentavam as explicações sobre o mundo.

Isto ficou evidente no *Século das Luzes*, período no qual se questionou o que de fato era o homem, devotando-se uma enorme energia na discussão sobre a noção de raça humana (EZE, 1997). Uma vez que os dados empíricos advindos das explorações colocavam em xeque as concepções idealizadas sobre raça e homem, que por séculos a sociedade europeia vinha utilizando como referencial. Agora, havia a necessidade de se construir uma epistemologia do homem, tendo como referência sua dimensão espaço-temporal¹ e inserindo-a em uma diversidade de ambientes naturais, onde ocorriam múltiplas manifestações culturais.

Com a descoberta da diversidade dos homens na superfície terrestre, a filosofia e a ciência europeias lançaram a seguinte pergunta: poderia a essência humana ser única, permanente e universal? A partir de então, as definições de homem como animal racional, possuidor de uma alma, ser pensante, construídas por princípios absolutos e consolidados pela sociedade europeia, tornaram-se estereis e abstratas, pois, agora, os homens possuíam diferentes traços físicos, cor da pele, textura do cabelo, estatura, compleição do corpo e medida dos crânios, ou seja, os homens eram tão variados quanto os animais e as plantas que eram concomitantemente descobertos.

Surgia, assim, uma visão biológica de homem enquanto espécie da natureza, que encontrou em Carl Linneus o seu maior divulgador. Segundo Huneman (2006), na obra *The System of Nature*, de 1735, Linneus colocou

o homem como descendente direto do Criador e dotado de razão. Um animal diferenciado dentre os demais, pois, com a razão, o homem poderia dominar e subjugar os seres da natureza para o seu próprio bem e, ao mesmo tempo, cuidar das maravilhas da criação divina, assim como progredir com seus engenhos. Para isto, o homem desenvolveu a ciência, cuja função seria a de decifrar o alfabeto da natureza, o que daria ao homem plena compreensão da mensagem divina (EZE,1997).

Para Buffon, ao contrário, a raça era essencialmente biológica. Em sua obra *História Natural*, Buffon, ao tratar da distribuição geográfica e cultural da humanidade, teceu comparações entre os americanos, africanos, chineses e europeus, concluindo que a ação climática explicaria as diferenças entre as raças e seu grau de desenvolvimento social. Ainda para Buffon, as raças eram dinâmicas e possuíam uma história, a exemplo da história da natureza (CHERNI, 1998).

A conclusão final das reflexões de Buffon foi que as diferentes raças humanas possuiriam um tronco comum em sua origem e que, ao longo do tempo, teriam se ramificado, passando a ocupar diferentes ambientes naturais. Com esta hipótese, Buffon inseriu a monogenia como princípio para combater a visão poligênica sobre a raça humana, que tinha um fundamento teológico e embasou, inclusive, as reflexões de Linneus. Mas os problemas eram o porquê desta ramificação e como ela ocorreria. Além do clima, existiriam outros mecanismos responsáveis pela diferenciação das raças? Por que a raça mantinha sempre a mesma forma? Todas elas possuíam uma natureza humana? Como qualificar a natureza humana?

A partir das obras *On the Different Races of Human Beings*, *Determination of the Concept of a Human Race*, *On the Use Teleological Principles in Philosophy*, *Critique of Judgment*, *Anthropology from a Pragmatic Point of View* e *Physical Geography Lectures* (KANT, 2014), Immanuel Kant deslocou o debate relativo à raça para o de natureza humana/ser humano, revolucionando com isto os estudos antropológicos e geográficos, e desencadeando novas possibilidades interpretativas sobre o homem e sua relação com a natureza.

O interesse de Kant pelo tema da raça foi incentivado por Buffon e iniciou-se com o seu curso de geografia física e de história natural. Na segunda seção do *Curso de Geografia Física*, intitulada *Descrição Física da Terra*, os temas próprios à história natural foram considerados conjuntamente com a distribuição das raças humanas na superfície da Terra. Nesta

seção, Kant passou a fazer uso da noção de teleologia, que, de maneira muito rudimentar, havia sido proposta como hipótese por Buffon, mas considerada por Kant como sendo a noção mais adequada para se investigar a natureza humana e a história natural, uma vez que a teleologia permitiria a interconexão entre a raça/a natureza humana e a história natural.

Segundo Mikkelsen (2013), entre 1775 e 1777, a teoria da raça estava ligada diretamente à concepção de espécie, que Kant considerava como sendo um tronco [*Stamm*] que se articulava com a concepção de raças a partir da ideia de germe que fundamentava a teoria da geração. Para Kant, os germes teriam a capacidade de transmitir as características da raça, o que o autor chamava de hereditariedade infalível [*Unausbleiblich Erblich*], que marcaria a história da espécie sempre em um dado lugar, portanto a espécie seria fixa, mas não pré-formada (KANT, 2014).

Em sua obra *A Crítica do Juízo*, Kant assumiu a teoria da epigênese, chamava-a, inclusive, de provimento da natureza [*Fürsorge der Natur*], pois, segundo ele, na natureza haveria germes que estariam escondidos em dispositivos internos dos organismos: estes germes seriam fundamentais para o desenvolvimento do corpo orgânico, como a pele, os olhos, os cabelos, e assim por diante, que também nos permitiriam deduzir a existência de tais germes. Este 'provimento da natureza' dotaria as raças de disposições e precauções para enfrentar os desafios da natureza, de modo que se adaptariam aos mais variados ambientes naturais, principalmente os climáticos.

Quanto ao conceito de raça humana, Kant esclarece que muito embora houvesse muitas raças, as mesmas não tinham uma origem particular, assim como não provinham cada qual de um meio geográfico próprio. Isto porque, para Kant, uma raça se define como sendo aquela que pode procriar e gerar crias férteis, transmitindo os caracteres. Segundo Kant, fortemente influenciado pela teoria da geração de Mauterpius (sua principal referência), esta transmissão está fundamentada na hereditariedade, algo muito em voga naquele período (KEEZER, 1965; MOYA, 2005).

Para Kant, a transmissão da hereditariedade ocorreria de indivíduo para indivíduo, mas sempre haveria um grau de incerteza que, com isto, possibilitaria a variabilidade e a diferenciação da raça no nível familiar, assim como entre os povos. No trabalho de 1785, Kant demonstrou maior confiança² sobre a teoria da hereditariedade, assim como na infalibilidade da transmissão dos caracteres:

O conceito de raça é então a diferença entre classes de animais no interior de um mesmo tronco, na medida em que esta diferença é infalivelmente hereditária. Eis aí a definição que eu tive a intenção de dar neste tratado – o resto, nós podemos considerar como um simples acessório seja para aceitar ou rejeitar. Este é o primeiro ponto que eu considero como provado e em outra medida utilizável, enquanto princípio de pesquisa na história da natureza, por que ele é suscetível de experimento (KANT, 1990, p. 95).

Com a regra da transmissão hereditária, como no caso da cor da pele humana, Kant esperava demonstrar que a raça humana advinha de um tronco comum e que suas variações eram provocadas por mecanismos como o isolamento geográfico, a fisiologia do organismo e os cruzamentos inter-raciais, esperando, com isto, demonstrar que o conceito de espécie era pertencente à história da natureza.

Na perspectiva biológica, podemos dizer que Kant foi o responsável por desenvolver uma epistemologia e uma metodologia que permitiram um melhor aprofundamento analítico na compreensão da raça, inserindo-a na dinâmica histórica da natureza, na qual participariam as condições externas como a determinação climática e as condições internas como a hereditariedade, pois o princípio que regia sua reflexão era o de que da mesma maneira que a natureza transformava a raça, esta também transformava o seu meio (COHEN, 2006).

Quanto à variabilidade entre as raças, Kant acreditava que era devedora da hereditariedade na geração dos caracteres, ambas seriam as responsáveis pela transmissão das propriedades da espécie ao longo dos tempos. Desta maneira, Kant afirmava a preponderância da tese monogênica sobre a poligênica, segundo a qual as raças provinham de um tronco comum, o que também fundamentava sua ideia de gênero (COHEN, 2006).

A hipótese kantiana para a diferenciação racial era a seguinte: a partir de um tronco comum, a espécie humana diferenciou-se e espalhou-se por diferentes meios geográficos em função do excessivo crescimento populacional. Com isto, grupos humanos passaram a ocupar meios geográficos com características, processos e ritmos naturais diferentes uns dos outros; estas propriedades ambientais exerceram influência sobre as características morfológicas dos diferentes grupos, que, inclusive, se adaptaram às condições ambientais, desenvolvendo tipos particulares de agricultura, indústria, assim como as artes, a música, o folclore e a linguagem.

Até então, cada grupo manteria as propriedades hereditárias originais, mas, ao longo da história, os grupos estariam sujeitos às fortes variações ambientais que poderiam, por exemplo, prejudicar a agricultura e, com isto, provocar um aumento vertiginoso de mortes, ou mesmo o esgotamento dos recursos naturais, colocando em risco a sobrevivência do grupo, forçando-o a migrar para outros meios geográficos. Nestes novos lugares, o grupo encontraria outro grupo e a consequência imediata seria a miscigenação racial, produzindo, com isto, uma nova raça humana. Em último caso, guerras entre os grupos raciais diferentes também trariam como uma das consequências a miscigenação racial.

No entanto, foi no momento que a reflexão kantiana chamou a atenção para a importância do conceito de humanidade e sua diferenciação na superfície da Terra, quando de fato ocorreu uma grande revolução epistemológica no conhecimento humano. O conceito de humanidade foi fundamental para o movimento romântico requalificar o sentido de humano exatamente no início do século XIX, quando a sociedade alemã estava sentindo os efeitos iniciais da desestruturação da antiga ordem social (LOWY; SAYRE, 2016), frente a um novo sistema produtivo que, lentamente, estava se impondo naquele momento.

É este movimento crítico que propiciou a descoberta e a valorização da intersubjetividade e da imaginação criativa para construção de uma sociedade e de uma história cosmopolita, que fosse múltipla e diferenciada e que tanto influenciaria Herder e Hegel (HÖSLER, 2007)³.

Kant não concebia a separação entre geografia física e antropologia, premissa básica, segundo ele, para se produzir um verdadeiro conhecimento do mundo e do homem⁴. Para tanto, Kant construiu as noções⁵ de germes, disposição natural, desenvolvimento, aprimoramento e progresso que, segundo ele, eram necessárias para se compreender as esferas da natureza e da humanidade, pois tais esferas sempre estavam em interconexão e em movimento dinâmico. Além do mais, para o filósofo-geógrafo, a interconexão nunca poderia deixar de ser considerada na construção de um sistema ético-moral-cultural, fundamentando a sua concepção de esclarecimento (LOUDEN, 2000; PIRES, 2014).

Conforme Kant, a conexão entre a geografia física e a história natural interferiria diretamente nas características das diferentes raças humanas,

enquanto que a antropologia, por sua vez, deveria investigar a natureza humana. Em seu curso de Antropologia de 1765-66, Kant defendeu a ideia de que o conhecimento da natureza humana exigia por reciprocidade conhecer a diversidade humana.

No curso de 1798, já fortemente influenciado por Rousseau, Kant postulou que nosso dever de fato seria o de conhecer a *humanidade* (grifo nosso) como condição para compreendermos sua diversidade na superfície da Terra (LOUDEN, 2000). Kant concebia a natureza humana como uma noção estável e universal, que se diversificava em tipos e fenômenos humanos e, para compreendê-los e explica-los, deveríamos levar em consideração suas *intencionalidades* (grifo nosso) (COHEN, 2006). Tomando a humanidade como condição *sine qua non*, para se falar em natureza humana, Kant passou a postular que cada tipo humano ou comunidade, dadas sua intencionalidade e suas ações sobre o espaço, produzia uma *história* (grifo nosso), tal qual a história da natureza (KANT, 1990).

Havendo uma história da natureza, que nos permitia afirmar a existência de uma história humana, necessariamente deveria haver também uma história da razão humana (HUNEMAN, 2006), de tal maneira que eram intercambiáveis. Kant compreendia a história humana essencialmente como uma narrativa sobre o conhecimento histórico da experiência humana e não como grandes fatos ocorridos no tempo.

Realizava-se, assim, o salto qualitativo do conceito de raça para o conceito de humanidade, cujo resultado foi o desenvolvimento da noção kantiana de cultivo das faculdades humanas, muito evidente na 'Antropologia' e na 'Crítica do Juízo'. Kant destacou que o juízo de gosto e a faculdade da imaginação criativa eram meios que, juntos, potencializavam a emancipação do homem do estado de natureza, conduzindo o gênero humano ao progresso, etapa esta fundamental para se atingir o esclarecimento (KANT, 2014; HENRICH, 1992). Isto significa que, para Kant, haveria uma reciprocidade entre esclarecimento e natureza humana, mas, para tanto, era necessário que houvesse o cultivo da sensibilidade, etapa fundamental para a existência da cultura, pois, caso contrário, não haveria progresso, entendido como sendo a libertação do homem frente às determinações da natureza (HENRICH, 1992).

Assim, caberia à sensibilidade exercer o papel de ativar o juízo de gosto e a faculdade da imaginação criativa, que, em consonância, formariam uma cultura do gosto. Com isto, Kant assumia a importância do aparato sensível dos homens, sem o qual não haveria experiência humana. No entanto, o uso da sensibilidade exigia treinamento, pois era necessário haver um cultivo das sensações que instruisse o homem no cultivo da sensibilidade, para que a sensibilidade participasse da produção do conhecimento (HENRICH, 1992). Na dissertação de 1770, Kant já postulava uma clivagem nas fontes de conhecimento.

Na representação dos sentidos, porém, há em primeiro lugar algo a que poderíamos chamar matéria, a saber, a sensação, e, além disso, algo que se pode denominar forma, a saber, a configuração (*species*) dos sensíveis, que surge na medida em que o múltiplo (*varia*), que afeta os sentidos, é coordenado por certa lei natural do ânimo (*anima*) (KANT, 2014, p. 237).

Em suas aulas nos anos de 1775-76, Kant defendeu que os sentidos poderiam ser instruídos e cultivados, dependendo somente da capacidade do sujeito em domesticar suas sensações. Como exemplo, Kant citava o uso do microscópio, pois muito embora a capacidade natural da visão não fosse ampliada, as observações acuradas poderiam ser feitas a partir de um rigoroso treinamento (LOUDEN; ZÖLLER, 2007). Nesse sentido, pode-se dizer que a concepção kantiana de esclarecimento é o produto da associação entre a sensibilidade (subjetividade), o entendimento, a razão e a imaginação criativa, associação que ocorreria ao longo da história da humanidade em ritmos e escalas de abrangência (KANT, 2014).

Na visão de Kant, falar em esclarecimento seria também falar em aprimoramento humano, através do qual as ações humanas se transformariam em ações políticas. Esta visão política exigia que os povos e/ou as comunidades tivessem total clareza de que a experiência humana tem uma historicidade, no entanto, como a evolução histórica é diferenciada no tempo e no espaço, nem todas as sociedades são esclarecidas (KANT, 2014).

A ação política é própria do homem esclarecido, que é um cidadão do mundo ('Antropologia', p. 255-263), ou seja, é a humanidade em ação. Com isto, postulou Kant que o esclarecimento é a emancipação do homem em relação à natureza, mas, esta emancipação somente ocorreria se a razão estivesse em comunhão com o juízo de gosto e com a cultura. No

parágrafo quarenta e um da 'Crítica do Juízo' (KANT, 1990), Kant afirma que há uma estreita relação entre o juízo de gosto e a sociabilidade, uma vez que o gosto é condicionado pela sociedade. Desse modo, Kant faz uma conversão da sensibilidade em gosto, deslocando o centro de gravidade do interior da esfera subjetiva do sujeito para uma esfera coletiva, produzindo uma afinidade entre estética e ética.

Com estas reflexões, Kant assumia que independentemente da cor da pele, do tipo físico e do grau de evolução técnica, todos os homens seriam livres e compartilhariam das mesmas estruturas capazes de realizar sua perfeição, uma vez que todos teriam direito à liberdade e à felicidade, pois o homem somente é feliz quando é livre.

3. As concepções de Herder e de Fichte sobre o papel da intersubjetividade na formação da humanidade e da comunidade

Se Kant deslocou a discussão do conceito de raça para o de natureza humana e humanidade, Herder e Fichte radicalizaram-na, tornando a subjetividade, a comunicabilidade intersubjetiva e a comunidade social critérios necessários para se refletir sobre a humanidade.

Johann Gottfred Herder, o Rousseau alemão (SAFRANSKI, 2010), aprofundou-se nas análises antropológicas, desenvolvendo os conceitos de comunidade e nação. Para Herder, a linguagem e o folclore eram fundamentais para a construção do sentimento de pertencimento de uma comunidade, cuja característica era a de estar enraizada em sua terra natal, um meio geográfico próprio, que a influenciava e a diferenciava de outras comunidades (SANCHEZ, 2002). Quanto ao conceito de raça, para Herder este seria redutível à história natural e físico-geográfica, portanto, determinada pela natureza, não podendo ser utilizado como critério para definir humanidade, mas sim o conceito de povo.

Herder concebia por povo ou comunidade uma unidade originária e homogênea a todos os seus membros e somente a antropologia e a geografia dariam conta de sua análise, assim como o entendimento de seu comportamento. O povo traria embutido dentro de si uma esfera cultural

que abrangeria uma escala ampla e integrada, abarcando desde as mais visíveis manifestações como o comportamento, a alimentação e os hábitos sociais, até as mais profundas expressões da comunidade, como a língua, a religião e a poesia (HERDER, 1989).

Portanto, a humanidade, para Herder, seria constituída a partir de uma conexão entre os membros de uma determinada comunidade, na qual a intersubjetividade seria o veículo que homogeneizaria e constituiria o sentimento de pertencimento e aceitação, cujas marcas seriam a cultura e a linguagem, que se expressariam das mais diferentes maneiras, deixando inclusive suas grafias no território (HERDER, op. cit.)

Quanto ao conceito kantiano de natureza humana, Herder considerava que o mesmo tinha uma base dualista, pois a natureza humana seria uma unidade orgânica que se diferenciava em uma multiplicidade de homens e de comunidades; o humano era o produto de uma *unidade plástica* da matéria (grifo nosso) capaz de assumir formas diversificadas⁶ (HERDER, op. cit., p. 85).

O objetivo desta proposição herderniana era romper com o dualismo corpo-alma, uma vez que, no sujeito, a reflexão, a sensibilidade, os sentimentos e a linguagem formariam uma totalidade, na qual o mundo exterior ressoaria no mundo interior e vice-versa, a tal ponto que as percepções ganhariam sentidos, ritmos e sons, inclusive sendo reelaboradas pela reflexão e pelo sentimento e recriadas pela linguagem (SANCHES, 2002).

Cada povo ou comunidade representaria uma manifestação orgânica entre a cultura e a natureza que historicamente coexistiriam no tempo e no espaço. Esta coexistência ficaria registrada no espaço na forma de moradias e campos agrícolas, por exemplo, da mesma maneira que a cultura se manifestaria na dança, no folclore, na escrita, na música, nas línguas e nas artes, garantindo-lhes certa especificidade espacial e cultural (HERDER, 1989).

Por outro lado, na concepção de Fichte, a humanidade se definiria pela liberdade e pela subjetividade, dois temas extremamente interligados, porque a humanidade se realizaria enquanto tal somente se na experiência do mundo exterior houvesse liberdade. Somente assim seria possível de fato conhecer o mundo sensível, sendo a liberdade uma condição necessária para a autoconsciência (sujeito); caso contrário, não seríamos agentes

morais autônomos e nossa humanidade não se realizaria em sua plenitude (TORRES FILHO, 1975).

Na concepção de Fichte, haveria dois conceitos de liberdade. O primeiro, de liberdade pura, se identificava diretamente com o imperativo categórico kantiano, enquanto que a liberdade de escolha seria guiada pela lei moral que governaria a humanidade, sendo esta lei o que comandaria as atividades da prática social (FRANKS, 2002). O interessante em Fichte é que a liberdade é condição necessária para o exercício da humanidade, mas sua realização ocorreria somente por meio da subjetividade, sendo que a liberdade estaria vinculada diretamente à subjetividade e vice-versa (FICHTE, 1963).

A subjetividade seria criadora e isto só seria possível quando o *self* fosse livre. Diferentemente de Kant, a subjetividade para Fichte se definiria concomitantemente à definição de *self*, ou seja, somente quando houvesse identidade sujeito-objeto, com uma interconexão no *self* entre liberdade e autoconsciência (FICHTE, 1963). O primeiro aspecto do *self* é a liberdade, atividade esta da autodeterminação do ser, que, de acordo com Fichte, é necessária para a formação da subjetividade, pois, sendo o sujeito autônomo, teria o mesmo o poder de criar e de atuar na sociedade. O segundo e importante aspecto, colocado por Fichte, é a autoconsciência, uma propriedade marcante da subjetividade, que não permitiria a ocorrência da reificação do sujeito, pois, caso contrário, o sujeito se transformaria em objeto (FICHTE, 1963; IBER, 2007).

Com isto, a subjetividade permitiria ao sujeito representar-se e pensar sua própria atividade, refletindo sobre seus aspectos teóricos, cognitivos, práticos, bem como sobre suas decisões. Para que isto ocorra, a premissa que se colocava era a da criação de uma identidade sujeito-objeto, através da qual o sujeito e o objeto, o ideal e o real deveriam formar uma mesma e única coisa.

É neste caldeirão que as noções de homem, humanidade, liberdade e subjetividade fermentaram uma reação contra a noção de razão e o chamado 'idealismo esquemático' de Descartes, Berkeley, Hume e Leibniz. Esta reação foi encabeçada por pensadores que formaram o chamado círculo romântico de Jena e de Berlin, tais como Friedrich Schlegel, Friedrich

Schelling, Novalis, Friedrich Holderlin e o jovem Georg W. F. Hegel, que rompeu com o grupo em 1804 (BEISER, 2013).

O *idealismo absoluto* teve origem na Universidade de Jena já no final da vida de Fichte, como uma reação a seu *idealismo crítico* e pela simpatia ao espinozismo e ao platonismo, sendo que coube à Schelling e ao jovem Hegel elaborarem e sistematizarem as formulações do círculo romântico (SAFRANSKI, 2010; BEISER, 2013).

Ressalta-se que, no movimento romântico, seus integrantes não necessariamente seguiam exatamente as três teses acima enunciadas. Era possível ser monista, mas não vitalista, ou então, ser vitalista e postular que o universo era constituído por uma pluralidade de substâncias, como fora defendido por Leibniz no século XVII (BEISER, 2013).

Com o passar do tempo, as reflexões do movimento romântico mostraram-se incompatíveis com a concepção dualista de Kant e com o idealismo crítico de Fichte, pois a incorporação do monismo de Spinoza, a concepção de arquétipo de Platão⁷ e o vitalismo de Herder acabaram por gerar uma nova concepção metafísica e epistemológica de interpretação da natureza, da vida e da humanidade.

Assim, para os românticos, uma das questões fundamentais era o de pensar a reconstrução do homem e de suas relações com a natureza frente a uma realidade cada dia mais atomizada e fragmentada. Era necessário reconstruir as concepções sobre natureza, homem e mundo, concepções estas que se interconectavam entre si e com todas as áreas do saber humano, do mesmo modo que razão e sensibilidade formavam, para os românticos, uma unidade (BEISER, 2013; SPENLÉ, 1942; MARTINE, 1991).

A nosso ver, é neste rico momento histórico que se desenvolveram os trabalhos de Alexander von Humboldt que cientificamente sistematizou a concepção romântica de se pensar e representar a relação Terra-Mundo, donde emergiu a ciência geográfica, enquanto produto de uma complexa rede que envolveu uma simbiose entre arte, ciência, poesia, emoção e razão.

4. Os ideais românticos de Alexander von Humboldt e sua concepção de humanidade

O movimento romântico valorizou o papel da reflexão em detrimento da determinação imposta pela concepção de causalidade linear. E isto foi possível somente a partir da concepção de organismo, que possibilitou o entendimento da natureza, cuja causalidade é essencialmente construída pelo sujeito por meio da reflexão. Assim, por meio do princípio da conexão, seria possível determinar a dinâmica dos processos de constituição das formas. Com isto, a natureza assumia um caráter ontológico na perspectiva de um *medium-de-reflexão* pautado na forma (BENJAMIN, 1999). A forma seria o elemento que permitiria a busca da integração entre as partes e o todo, assim como entre o homem e a natureza, e a própria plenitude da liberdade de uma comunidade.

Supervalorizando o processual, a crítica romântica não questionava apenas o princípio de imitação, mas a concepção de natureza que se forma a partir dele. A teoria romântica enfatizava o momento de formação, e não o resultado da criação artística, assim como a natureza era concebida não como um conjunto de objetos do mundo exterior, mas como uma força criadora que não se esgota em seus produtos isolados.

Tanto na teoria poética quanto na científica, Novalis e Humboldt, fizeram uso das mitologias greco-latinas, para ambos, a obra de arte teria um poder transfigurador do real, indicando uma atitude própria frente à natureza, particularidade no uso de símbolos, além de recriar uma “segunda natureza”, que também pudesse reintegrar o homem a seu ambiente natural.

Essa reintegração ajustava-se com a valorização dos sentimentos do sujeito, aquilo que era único ao homem, considerado também como a própria natureza (Mundo). Dessa forma, segundo Wolf (1999), numa época na qual pensadores como Schiller e Diderot lamentavam o afastamento do homem da natureza, a atmosfera das paisagens subjetivamente sentidas passava a ser considerada como uma qualidade por direito próprio, fato este que auxiliou a valorização não somente das artes, mas também das ciências. Essa busca pela reintegração influenciou Humboldt na sua preocupação com o homem e as sociedades que encontrou em sua viagem à América.

As obras de Alexander von Humboldt não tratam única e exclusivamente dos aspectos naturais, ao contrário, uma leitura mais atenta e pormenorizada deixa transparecer a importância que Humboldt atribuía ao homem na constituição dos quadros da natureza. É nas obras *Reise in die Äquinoctial-Gegenden des neuen Continents* ou *Cuba-Werk* ('Viagem às regiões equinociais do Novo Continente' ou 'estudo de Cuba') e *Mexico-werk: politische ideen zu Mexico* ('Ideias políticas sobre o México'), que Humboldt trabalha mais claramente sua concepção de humanidade.

Nestas obras, Alexander von Humboldt realiza uma avaliação crítica sobre a escravidão negra ou a nativa imposta pelos espanhóis, ao mesmo tempo em que tece severos comentários sobre as questões ambientais advindas da superexploração dos solos e das florestas. Na trilha da herança herderniana, agora impulsionada pelas reflexões linguísticas de seu irmão Wilhem von Humboldt, Alexander lamenta o genocídio das línguas e dos dialetos nativos da América Central provocados pela colonização espanhola e reflete sobre a importância da linguagem para o conhecimento geográfico.

Na primeira obra, *Reise in die Äquinoctial-Gegenden des neuen Continents* ou *Cuba-Werk*, Humboldt realizou estudo político sobre a ilha de Cuba; enquanto que em *Mexico-werk*, publicada pela primeira vez no ano de 1809, o cientista registrou sua visão da colônia, incluindo estudos sobre aspectos físicos, naturais, sociais, econômicos e políticos. No capítulo introdutório desta obra, Humboldt descreve brevemente seu conteúdo:

O trabalho que publico neste momento está dividido em seis seções. O primeiro livro contém observações gerais sobre a expansão e o aspecto físico da Nova Espanha. Sem entrar em nenhuma história natural descritiva detalhada (que é assunto para outra parte do meu trabalho), examinei a influência das desigualdades do terreno sobre o clima, a agricultura, o comércio e a defesa das costas. O segundo livro trata da população em geral, e das varias castas em que se divide. O terceiro livro apresenta uma estatística especial de cada uma das intendências, sua população e sua área de acordo com as cartas, que eu projetei com minhas observações astronômicas. No quarto livro, discuto a situação da agricultura e da mineração; e no quinto, o progresso das manufaturas e do comércio. O sexto livro contém algumas pesquisas sobre as receitas dos estados e sobre a defesa militar do país (HUMBOLDT, 2008c, p. 91, tradução nossa)⁸.

Estas preocupações pressupõem que o trabalho científico desenvolvido por Humboldt não se limitaria à mera acumulação de dados

dissociados dos indivíduos, mas incluiria, também, temáticas que versavam sobre questões que afetavam o ser humano em sua individualidade ou coletividade. A respeito das transformações ocorridas na população da colônia, Humboldt escreveu:

Vários memorandos que os intendentos apresentaram sobre o estado atual do país o qual foram encarregados continham exatamente os mesmos números da população presentes na tabela de 1793, como se em 10 anos nada tivesse mudado. Contudo, não pode duvidar-se que aquela população teve progressos extraordinários. O aumento dos dízimos e da captura dos índios, os artigos de consumo, o progresso da agricultura e da civilização, a visão do país, coberto por casas construídas modernamente, anunciam melhoras rápidas em quase todas as partes do reino. Como poderia ser concebível que possa haver instituições sociais tão imperfeitas? Como conceber que um governo possa destruir a ordem da natureza a tal ponto que impeça a multiplicação progressiva da nossa espécie em um solo fértil e um clima temperado? – Não, feliz é aquela parte do nosso mundo onde uma paz de três séculos quase se apagou da memória devido ao fanatismo e à ganância insaciável dos primeiros conquistadores e dos crimes cometidos! (HUMBOLDT, 2008c, p. 145-146, tradução nossa)⁹.

A inclusão da dimensão humana nos trabalhos de Humboldt está relacionada diretamente à qualificação do ser humano dentro de seu contexto social, histórico e geográfico. Essa premissa parte da visão romântica a qual permite que se tenha a passagem daquilo que é típico para o elemento particular, procurando valorizar o peculiar, aquilo que diferencia uma pessoa de outra, um país de outro, uma região de outra. E o que distingue um do outro é sua situação social, suas sensibilidades específicas, desenvolvidas em contextos sociais, históricos e geográficos particulares e diferenciados entre si.

É justamente essa diferença singular que torna a existência e a contribuição de cada indivíduo únicas e complementares ao processo humano, transfigurando-se para uma ótica 'realista' do mundo, cuja perspectiva pressupõe a análise do sujeito dentro de seu contexto global (social e natural), do homem em seu meio.

Nessa integração, o indivíduo é pensado a partir de uma relação orgânica com a natureza. A individualidade singular do homem seria o resultado de sua unidade com a natureza. O valor da unidade na totalidade conferiria ao sujeito um lugar ao mesmo tempo ego-centrado, mas também em comunhão com o universo e a humanidade. Esse era o pensamento de Humboldt:

Quando consideramos os resultados da pesquisa da natureza não em sua relação a aspectos particulares da formação humana ou a necessidades individuais da vida social, mas em sua ampla relação ao conjunto da humanidade, temos a vantagem, que é o fruto mais agradável dessa investigação, de apreciar a natureza, pela compreensão da conexão dos fenômenos, de forma ampliada e aprimorada (HUMBOLDT, 2008, p. 13, tradução nossa)¹⁰.

Em seus estudos, Millán-Zaibert (2004)¹¹ infere que Humboldt celebra a grandeza e a variedade da paisagem americana, mas nunca sem a preocupação com aqueles que viviam em meio a essas cenas (quadros). E, ao descrever as sociedades indígenas, Humboldt instigava ainda mais o interesse dos europeus sobre aquelas terras:

Estou convencido de que interessaria muito ao leitor uma descrição detalhada dos costumes, do caráter, da condição física e intelectual dos povos indígenas do México, denominados nas leis espanholas como índios. A importância que se dá, na Europa, a estes remanescentes da população original do Novo Continente, vem de um motivo moral que honra a humanidade [...] (HUMBOLDT, 2008c, p. 168, tradução nossa)¹².

Com opiniões controversas a seus contemporâneos europeus, o posicionamento de Humboldt não era harmônico nem simples, situava-se entre as elites intelectuais da América Hispânica e o saber científico europeu, estabelecendo uma conexão real entre a América e a Europa. Constantemente desafiado pela diferença e continuidade entre a América e a Europa, Cisneros (2004, p. 101)¹³ escreve que a obra de Humboldt foi: “divulgadora europeia das realidades americanas”:

Eu cheguei ao México em março de 1803 pelo Oceano Austral, e passei mais de um ano sobre este extenso reino. Depois que eu pesquisei a província de Caracas [Venezuela], nas margens do Rio Orinoco e Negro, em Nova Granada [Colômbia], em Quito e nas costas do Peru (onde eu me posicionei em direção ao hemisfério sul para observar o Sol em 09 de novembro de 1802) me surpreendi com o contraste que a civilização da Nova Espanha apresentava. Esse contraste me inspirou a estudar muito particularmente as estatísticas do Reino do México e investigar as causas que mais influenciaram no progresso da população e da indústria nacional (HUMBOLDT, 2008c, p. 90, tradução nossa)¹⁴.

Millán-Zaibert (2004)¹⁵ escreve que, na América Latina, Humboldt era considerado não somente cientista, mas também humanista. Seu conhecimento ajudou a promover o progresso e criar uma imagem da América Latina na Europa. Esse reconhecimento intelectual, segundo Millán-Zaibert (2004)¹⁶, foi resultado do engajamento de Humboldt com o

território, as pessoas e a política espanhola. Politizado, Humboldt sempre relacionava a visão política a seus trabalhos acerca da América:

Pensando positivamente, este trabalho pode ser útil para aqueles que são chamados a administrar as colônias e, muitas vezes, depois de uma longa estada, ainda não têm uma ideia precisa sobre a condição destas belas e vastas regiões [...] Essas mensagens repetidas levaram a melhorias significativas. Mesmo o governo espanhol honrou-me com uma atenção especial. Meu trabalho tem proporcionado vários documentos para as operações oficiais de registros que foram destinados para a discussão dos interesses do comércio e da indústria de manufaturas nas colônias (HUMBOLDT, 2008c, p. 90-91, tradução nossa)¹⁷.

Admirado por contemporâneos americanos que introduziram ideais de liberdade e mudança política para as terras do império espanhol segundo Millán-Zaibert (2004), Humboldt foi considerado por alguns intelectuais¹⁸ como o primeiro grande pensador da modernidade: pai dos movimentos de independência e descobridor científico da América; em 1815, Simón Bolívar elogiou o ‘conhecimento enciclopédico teórico e prático’ que Humboldt possuía da Venezuela (em sua *Carta de Jamaica*).

Embora ele mesmo duvidasse desse ‘vasto conhecimento’, tal conhecimento, segundo Humboldt, deveria ser motivo inspirador não somente para europeus, mas também para que a população da colônia conhecesse seu próprio país:

Apesar do grande cuidado na verificação da exatidão dos resultados, não duvido que tenha cometido vários erros muito graves, que serão ainda descobertos, na medida em que meu trabalho inspire os habitantes da Nova Espanha a estudar o estado de seu país. Posso contar, sem dúvida, com a indulgência daqueles que conhecem as dificuldades desse tipo de investigação, e que comparam entre si, tabelas estatísticas publicadas anualmente nos países mais civilizados da Europa (HUMBOLDT, 2008c, p. 91, tradução nossa)¹⁹.

Cientificamente, Humboldt foi capaz de apreciar a diversidade cultural presente na América e reconhecer os seus aspectos culturais que demonstravam serem civilizações avançadas:

Pelos dados apresentados, percebe-se que, na intendência de Oaxaca, a cada 180 indivíduos, 88 são indígenas. Esse grande número de povos indígenas comprova o quão antiga é a cultura deste país. Nos arredores de Oaxaca também são encontradas ruínas de monumentos da arquitetura mexicana que demonstram uma civilização extremamente avançada (HUMBOLDT, 2008c, p. 163, tradução nossa)²⁰.

Em vez de usar o termo 'europeu' como padrão universal para aferir o grau de civilização que as culturas americanas possuíam, Humboldt, em seu trabalho, procurou se libertar das observações raciais e culturais preconceituosas. De tal maneira que propôs que, no estudo das civilizações indígenas, se considerasse a época anterior à chegada dos colonizadores:

Para conhecer mais sobre os indígenas da Nova Espanha, não bastaria descrevê-los em seu estado atual de absorção mental e miséria, mas ascender à época distante quando o país estava sob o domínio de suas próprias leis para desenvolver toda a sua energia peculiar. Seria necessário examinar as pinturas hieroglíficas, as construções de edifícios de pedra e as esculturas, que foram preservadas, e que atestam a infância da arte, e mostram ainda semelhanças impressionantes com vários monumentos das nações mais civilizadas (HUMBOLDT, 2008c, p. 168, tradução nossa)²¹.

Para Humboldt, a geografia não poderia desprezar a importância da análise histórica:

A história ensina a quem sabe perseguir a antiquíssima origem do nosso conhecimento, através das profundas camadas do passado até as suas raízes, como, há milênios, a espécie humana trabalhou para encontrar o constante da lei na mudança eternamente recorrente das feições do mundo, e também para conquistar aos poucos as amplas esferas do nosso planeta por meio do poder da inteligência. Perguntar ao passado significa perseguir o andar secreto das ideias, nas quais aquela imagem que antes se afigurava à percepção interior como um todo harmônico, o Cosmos, por fim representa-se como o resultado de longas e laboriosas experiências (HUMBOLDT, 2008, p. 14, tradução nossa)²².

A preocupação com a história nas pesquisas científicas pode estar relacionada às discussões românticas presentes na revista *Athenäum*²³:

Aquilo que se chama de pesquisa é um experimento histórico. O objeto e resultado dela é um fato. Aquilo que deve ser um fato tem de ter rigorosa individualidade, ser ao mesmo tempo enigma e experimento, a saber, um experimento da natureza formadora. Enigma e mistério é tudo aquilo que somente pode ser apreendido por entusiasmo e com sentido filosófico, poético ou moral (SCHLEGEL, 1997, p. 136) [*Fragmento 427*].

Humboldt defendia a ideia de que, para se entender as culturas indígenas e julgar seus méritos, não bastava a apresentação de dados quantificáveis, era preciso um estudo de suas realizações passadas, mas, no entanto, a maioria dos vestígios da cultura indígena foi destruída, os povos que sobreviveram à colonização foram oprimidos e seu caráter foi mudado. Humboldt escreveu a este respeito:

Os Toltecas apareceram pela primeira vez no ano 648, os Chichimecas em 1178, os Nahuatlécas em 1178, os Astecas e os Acolhuas em 1196. Os Toltecas introduziram o milho e o algodão, construíram cidades e ruas e edificaram as grandes pirâmides que ainda hoje admiramos e cujos lados são apontados direto para os quartos. Conheciam o uso das pinturas hieroglíficas, sabiam fundir metais e cortar as pedras mais duras, tinham um ano solar mais perfeito que os gregos e romanos. Sua forma de governo provava que eles eram descendentes de uma nação que tinha experimentado grandes mudanças na sociedade. Mas onde estava a fonte dessa cultura? Onde está o país a partir do qual os Toltecas e os mexicanos surgiram? (HUMBOLDT, 2008c, p. 164, tradução nossa)²⁴.

Assim, em seu ensaio político, a preocupação com estruturas políticas e as mazelas sofridas pelos americanos sob o domínio colonial eram eminentes. No ‘Ensaio Político sobre o México’, ele descreveu o processo de colonização, a reação indígena ao domínio europeu e a importância da agricultura como elo entre as sociedades indígenas e a terra, a tal ponto que se transformou em instrumento de resistência ao colonizador europeu:

No século XVI, as províncias do norte, Nova Biscaia, Sonora e Novo México, estavam muito pouco povoadas. Os povos nativos eram nômades e caçadores, retirando-se sempre para mais longe quanto mais os conquistadores europeus invadiram o norte. Somente a agricultura une as pessoas a seu solo e desenvolve um amor pela pátria, por isso, vemos na parte meridional de *Anahuac*, na região cultivada de *Tenochtitlan*, como os colonos astecas aguentaram com resignação as crueldades da escravidão antes de abandonar o solo que seus pais haviam cultivado. Nas províncias do Norte, no entanto, os nativos cederam aos conquistadores as planícies incultas, que serviam de pasto aos búfalos [...] (HUMBOLDT, 2008c, p. 166-167, tradução nossa)²⁵.

Sua análise crítica acerca do processo de colonização identifica a escravidão e a dizimação das nações indígenas como uma luta desigual que resultou em fuga e opressão:

Os Astecas, que haviam escapado da carnificina, pareciam destinados a extinguir-se diante de séculos de opressão. É difícil convencer-me que quase 3,5 milhões de nativos sobreviveriam à miséria tão prolongada. Os habitantes do México e Peru e os índios dos Ganges chamam a atenção do observador com sua sensibilidade muito diferente do chinês e do japonês. É tal o interesse que inspira a desgraça de um povo derrotado que os homens são injustos, muitas vezes, com os descendentes de seu vencedor (HUMBOLDT, 2008c, p. 168, tradução nossa)²⁶.

Essa preocupação com a população indígena demonstra uma postura aberta e de aceitação das diferentes culturas. Postura essa que, segundo Millán-Zaibert (2004)²⁷, estruturou-se nas conexões entre Humboldt e o

primeiro romantismo alemão, resultado de sua 'atitude romântica'. Sob nossa análise, essas preocupações também provêm das discussões românticas acerca da tolerância:

A tolerância não tem outro objeto senão aquilo que é destrutivo. Quem nada quer destruir não precisa absolutamente ser tolerado; não se deve tolerar quem tudo quer destruir. Entre uma coisa e outra, esse modo de pensar tem todo o seu livre espaço de jogo. Pois se não se pudesse ser intolerante, a tolerância nada seria (SCHLEGEL, 1997, p. 114) [*Fragmento 349*].

Valorizando culturas exóticas (influência especialmente de Herder), Humboldt era adepto também das ideias de seu irmão, Wilhelm von Humboldt, segundo o qual, língua e pensamento influenciam-se mutuamente, e, conseqüentemente, toda língua encerra uma forma de ver o mundo. Humboldt disserta sobre as variações linguísticas encontradas na América, sendo estas comprovações de soberania e diversidade cultural:

Essas línguas são mais de 20, e 14 delas possuem gramáticas e dicionários [vocabulários] bastante completo. Seus nomes são: a língua mexicana ou asteca, *otomitische*, *taraskische*, *zapotekische*, *mixtekische*, *Maya - ou idioma de Yucatán*; *tononakische*, *popolukische*, *matlazingische*, *huaxtekische*, *vermischte*, *kakikallische*, *taraumarische*, *tepehuanische* e *idioma korische*. Longe de serem dialetos diferentes de uma única língua (como alguns escritores têm argumentado com falsidade), elas são línguas diferentes. Esses idiomas são muito mais diferentes entre si que o grego e o alemão, o francês e o polonês. [...] Essa diversidade de idiomas presente nos povos do novo continente (pode-se, sem exagero, contar várias centenas) apresenta um fenômeno impressionante e especialmente singular, se comparado às poucas línguas da Ásia e da Europa (HUMBOLDT, 2008c, p. 167, tradução nossa)²⁸.

5. Considerações Finais

Vivendo em um período de efervescência cultural, Alexander von Humboldt teve pensamento e pesquisas influenciados não somente por cientistas de mesma formação, mas também por filósofos, poetas e literatos²⁹, o que, sem dúvida, transporta-o para a modernidade científica caracterizada pela complexidade que as posturas inter e transdisciplinares trazem ao conhecimento.

De pensar polissêmico, Humboldt o permeava por princípios artísticos, científicos e culturais, capazes de abrigar e conceber diversas formas do conhecimento sobre a superfície terrestre. Considerado um dos

descobridores científicos da América, o trabalho de Humboldt é elogiado não somente por sua importância nas ciências naturais (descobrimientos, relatos e descrições da vida animal, vegetal e física do planeta), mas também por seu pensamento aberto e crítico com relação a processos delicados como a colonização e a escravidão indígena, realizando um importante e inusitado diálogo entre os dois continentes no século XIX.

Foi o primeiro explorador moderno a redigir um relato crítico sobre as descobertas feitas na América, livre dos preconceitos notados em grande parte da bibliografia anterior sobre o tema, fato que o tornou referência obrigatória de leitura e pesquisa para futuros historiadores e pesquisadores.

Nesse contexto, é perceptível o respeito de Humboldt pela liberdade³⁰, pela diversidade e pela mudança, de modo que foi um dos primeiros europeus a respeitar as culturas da América Latina. É evidente também sua preocupação com o homem, em especial, o indígena, empenhando-se em captar, em seus trabalhos, todos os elementos (sociais e naturais) em sua *Ganzheit* (inteireza) e em sua *Gestalt* (configuração). Buscava entender cada singularidade em seu contexto geral, cada ser humano na paisagem que o emoldura.

Embora tivesse publicado grandiosa obra, nenhum livro de Humboldt iguala-se a outro: ele buscava para todos os seus livros, cada um à sua maneira, possibilidades de representação específicas, originais e, frequentemente, surpreendentes; e, aqui, a máxima de que o romântico, para publicar mais uma obra, deve ele mesmo transformar-se, é cumprida por Humboldt: “Muitos dos romances mais notáveis são um compêndio, uma enciclopédia de toda a vida espiritual de um indivíduo genial [...]” (SCHLEGEL, 1997, p. 32).

Notas

- 1 Segundo Glacken (1996), a partir do século XVI, a igreja católica, por meio da físico-teologia, passou a explicar a distribuição geográfica das diferentes raças ao redor do mundo fundamentada no fixismo e na geração espontânea. Ou seja, as raças, que não a europeia e cristã, eram criação divina, mas não dotadas de alma, por isto a necessidade de serem cristianizadas.
- 2 Segundo Paolo Casini (1987), Buffon foi o responsável por levar o cálculo de probabilidades para a história natural.
- 3 Para Hösler (2007, p. 721), em Hegel a razão deve ser compreendida como sendo uma questão ontológica, sendo que a sua determinação ocorre como subjetividade.

- 4 Louden (2000) deixa claro como Kant não fazia distinção entre geografia física e antropologia, pois eram fundamentais para o entendimento da natureza humana, e que os dois cursos foram apenas burocraticamente separados somente em 1778.
- 5 Estas noções que foram apropriadas por Kant estavam em voga no momento. Assim, por exemplo, o ensaio de Kant de 1775 sobre a origem das raças foi influenciado pelos trabalhos de Blumenbach e Wolff sobre geração, epigênese, poderes reprodutivos e preservação. Isto permitiu a Kant se apropriar da noção de germes e disposições [*Keime e Anlagen*], que, juntamente com a teleologia, foram importantes para a formação do conceito de *proposta natural* desenvolvido na *Crítica do Juízo*. Quanto ao papel da determinação climática, Kant foi influenciado por Montesquieu com sua obra *O Espírito das Leis*; já as noções de progresso e desenvolvimento eram temas do Iluminismo francês (BREITENBACH, 2006; VITTE, 2014).
- 6 Herder foi influenciado pelo pensamento de Tomás de Aquino e de Francisco Suarez que adaptaram o conceito aristotélico de *hylé* para a doutrina católica. A matéria passou a ter uma significação teológica e ontológica, sendo designada por *Materie*, que seria uma substância, portanto, que permaneceria na mudança, não teria forma (*Form*) nem qualidade (*Qualität*) e não poderia ser intuída. A *Materie* se realizaria em formas plásticas como homens, plantas, animais, rochas, relevo, por exemplo, sendo designada como *Stoff*, que seria estados da *Materie*. A *Stoff* possuiria forma, qualidade e poderia ser intuída. Estaria propensa a sofrer mudanças e sujeita à lei da causalidade, além de ligar o tempo ao espaço (BARBOZA, 2000; COURTINE, 1990).
- 7 A concepção de cosmos dos românticos a qual está filiado Humboldt é derivada da tradição platônica e neoplatônica, em específico da leitura de Plotino. A releitura de Platão na Alemanha, entre os séculos XVIII e XIX, inicia-se em 1757 com Winkelmann, em 1760, por Hamann, Herder e Mendelssohn, sendo que as obras completas de Platão fora reeditadas em 1787 (FRANZ, 1992-1993). Esta volta a Platão está diretamente ligada à crítica dos românticos ao conceito de julgamento da razão da *Aufklärung*. Enquanto o conceito de *Bildung* para a *Aufklärung* referia-se à educação do público, para os românticos a sua finalidade seria desenvolver o ser humano em sua totalidade. A principal crítica dirigida por Schlegel, Novalis, Holderlin e Schleiermacher contra a *Aufklärung*, era que os *Aufklärer* não consideravam a experiência estética, a intuição e a sensibilidade como elementos constitutivos da razão. Mais do que uma função mecânica na explicação, para Novalis a razão representaria o poder intuitivo do ser. Influenciado por Plotino, Novalis interpretava a razão como um *logos*, onde não haveria dualismo. Para Schleiermacher, a importância de Platão estava na sua conceituação de natureza orgânica e na visão de que o universo possuía uma estrutura inteligível; já em Schelling, Platão foi soldado à Spinoza, sendo a base para o desenvolvimento da *Naturphilosophie* e da Filosofia da Identidade, enquanto que, na metodologia científica, Schelling absorveu a forma platônica do monismo (BAUM, 2000; MAHL, 1963).
- 8 Das Werk, welches ich in diesem Augenblick veröffentliche, gliedert sich in sechs Abschnitte. Das erste Buch enthält allgemeine Betrachtungen über die Ausdehnung und den physischen Aspekt Neu-Spaniens. Ohne mich auf eine ausführliche beschreibende Naturgeschichte (die einem anderen Teil meines Werkes vorbehalten ist) einzulassen, untersuchte ich den Einfluß der Unebenheiten des Bodens auf das Klima, die Landwirtschaft, den Handel und die Verteidigung der Küsten. Das zweite Buch handelt im allgemeinen von der Bevölkerung und von der Einteilung der Kasten. Das dritte Buch stellt die spezielle Statistik der Intendancias, ihre Bevölkerung und ihr Areal nach den Karten dar, die ich nach meinen astronomischen Beobachtungen entworfen habe. Im vierten Buch diskutiere ich den Zustand der Landwirtschaft und der Bergwerke; im fünften die Fortschritte der Manufakturen und des Handels. Das sechste Buch endlich enthält Nachforschungen über die Staatseinkünfte und die militärische Verteidigung des Landes (HUMBOLDT, 2008c, p. 91).
- 9 Mehre Denkschriften, welche von den Intendanten über den gegenwärtigen Zustand ihrer Untergebenen eingereicht wurden, enthielten genau dieselben Bevölkerungsangaben wie die Tabelle von 1793, als ob sich in diesem Punkt seit zehn Jahren gar nichts verändert hätte. Und dennoch ist es außer Zweifel, daß die Bevölkerung gerade in dieser Zeit ganz außerordentlich zugenommen hat. Die Vermehrung der Zehnten und Kopfsteuer der Indianer, die sämtlichen Abgaben von den Konsumtionsartikeln, die Fortschritte des Ackerbaus und der Zivilisation,

der Anblick des Landes selbst, das mit völlig neugebauten Häusern überdeckt ist, alles das bezeugt ein rasches Emporstreben in beinahe allen Teilen des Königreichs. Wie wäre es auch begreiflich, daß alle gesellschaftlichen Institutionen unvollkommen genug bleiben könnten und eine Regierung mächtig genug sein sollte, die Ordnung der Natur zu zerstören und die allmähliche Vermehrung unserer Gattung auf einem fruchtbaren Boden und in einem gemäßigten Klima zu verhindern? – Nein, glücklich ist der Teil unserer Erdkugel, wo ein Frieden von drei Jahrhunderten selbst das Andenken der vom Fanatismus und der unersättlichen Habsucht der ersten Eroberer begangenen Verbrechen beinahe ausgelöscht hat! (HUMBOLDT, 2008c, p. 145-146).

- ¹⁰ Wer die Resultate der Naturforschung nicht in ihrem Verhältniß zu einzelnen Stufen der Bildung oder zu den individuellen Bedürfnissen des geselligen Lebens, sondern in ihrer großen Beziehung auf die gesammte Menschheit betrachtet, dem bietet sich, als die erfreulichste Frucht dieser Forschung, der Gewinn dar, durch Einsicht in den Zusammenhang der Erscheinungen den Genuß der Natur vermehrt und veredelt zu sehen (HUMBOLDT, 2008, p. 13).
- ¹¹ Humboldt did indeed celebrate the grandeur and variety of the American landscape, yet it is simply false to claim that his eye depopulated and dehistoricized that landscape. [...] Humboldt was primarily interested in providing an account of nature yet, never without concern for those who lived amidst the scenes he was describing (MILLÁN-ZAIBERT, 2004, p. 45, tradução nossa).
- ¹² Ich bin überzeugt, daß eine ausführliche Beschreibung der Sitten, des Charakters, des physischen und intellektuellen Zustands der Ureinwohner von Mexico, die die spanischen Gesetze mit dem Namen Indiane bezeichnen, viel Anziehendes für die Leser haben würde. Das allgemeine Interesse, welches man in Europa für diese Reste der ursprünglichen Bevölkerung des Neuen Kontinents hegt, stammt aus einem moralischen, die Menschheit ehrenden Grund [...] (HUMBOLDT, 2008c, p. 168).
- ¹³ Constantemente interpelado por la diferencia y la continuidad entre América y Europa [...] no puede evitar admirar la obra humboldtiana, en tanto "divulgadora" europea de las realidades americanas (CISNEROS, 2004, p. 101, tradução nossa).
- ¹⁴ Im März 1803 auf dem Südmeer in Mexico angekommen, hielt ich mich während eines Jahres in diesem weiten Königreich auf. Nachdem ich Forschungen in der Provinz Caracas [Venezuela], an den Ufern des Orinoco und des Rio Negro, in Neu-Granada [Kolumbien], in Quito und an den Küsten Perus (wohin ich mich begeben habe, um in der südlichen Hemisphäre den Merkur-Durchgang vor der Sonne am 9. November 1802 zu beobachten) angestellt hatte, mußte ich über den Gegensatz verblüfft sein, den die Zivilisation Neu-Spaniens darbietet. Dieser Kontrast regte mich zugleich und zum besonderen Studium der Statistik Mexicos und zur Erforschung der Ursachen, die den Fortschritt der Bevölkerung und der Nationalindustrie am meisten beeinflußt haben, an (HUMBOLDT, 2008c, p. 90).
- ¹⁵ In Latin America there is no such neglect of Humboldt's work, but rather a long tradition of taking Humboldt seriously, not only as a scientist but as a humanist whose vast knowledge of the region helped to promote progress there and also led to a more enlightened image of Latin America in Europe (MILLÁN-ZAIBERT, 2004, p. 42, tradução nossa).
- ¹⁶ As a result of Humboldt's serious engagement with the land, people, and political structures of Latin America, [...] (MILLÁN-ZAIBERT, 2004, p. 42, tradução nossa).
- ¹⁷ Im guten Glauben, dieses Werk könne denen nützlich sein, die zur Verwaltung der Kolonien berufen sind und die oft nach einem langen Aufenthalt noch keine genaue Vorstellung über den Zustand dieser schönen und weiten Regionen haben, hatte ich mein Manuskript all denen mitgeteilt, die es zu studieren wünschten. Diese wiederholten Mitteilungen führten zu bedeutenden Verbesserungen. Selbst die spanische Regierung hat mich mit einer besonderen Aufmerksamkeit beehrt. Meine Arbeit hat Unterlagen zu des mehreren offiziellen Aktenvorgängen geliefert, die zur Diskussion des Handels und der Manufakturindustrie der Kolonien bestimmt waren (HUMBOLDT, 2008c, p. 90-91).

- ¹⁸ Millán-Zaibert (2004) cita, como exemplo, Leopoldo Zea: *Humboldt en la modernidade e Humboldt Y el otro descubrimiento*, ambos presentes na revista *Cuadernos Americanos*, n. 76 e n. 78, 1999.
- ¹⁹ Trotz der äußersten Sorgfalt, deren ich mich befließigte, um die Resultate zu verifizieren, die ich bestimmt habe, zweifele ich nicht, mehrere sehr schwere Irrtümer begangen zu haben, die in dem Maß aufgedeckt werden, wie mein Werk die Bewohner Neu-Spaniens beflügelt, den Zustand ihres Vaterlandes zu studieren. Ich kann auf die Nachsicht derjenigen rechnen, welche die Schwierigkeiten der Recherchen dieser Art kennen und statistische Tabellen, die jährlich in den zivilisierteren Gegenden Europas erscheinen, unter sich verglichen haben (HUMBOLDT, 2008c, p. 91).
- ²⁰ Aus diesem Abriß sieht man, daß in der Intendanz von Oaxaca auf 180 Menschen 88 Indianer zu zählen sind. Diese große Anzahl von Ureinwohnern beweist indes mit Zuverlässigkeit, wie alt die Kultur dieses Landes bereits ist. Wirklich findet man in der Nähe von Oaxaca auch Überbleibsel von Denkmälern mexicanischer Architektur, welche einen schon auffallend vorgeführten Zivilisationsstand verraten (HUMBOLDT, 2008c, p. 163).
- ²¹ Um die ursprünglichen Einwohner von Neu-Spanien kennenzulernen, dürfte man sie nicht nur in ihrem gegenwärtigen Zustand von Geistesversunkenheit und Elend schildern, sondern müßte zu der entfernten Epoche aufsteigen, wo diese Nation unter der Herrschaft ihrer eigenen Gesetze all ihre eigentümliche Energie entwickeln konnte. Man mußte die hieroglyphischen Gemälde, ihre Bauten von gehauenen Steinen und ihre Bildhauerarbeiten untersuchen, die sich erhalten haben und, wenn sie auch schon noch die Kindheit der Kunst verraten, dennoch auffallende Ähnlichkeiten mit mehreren Denkmälern der zivilisiertesten Völker zeigen (HUMBOLDT, 2008c, p. 168).
- ²² Wie seit Jahrtausenden das Menschengeschlecht dahin gearbeitet hat, in dem ewig wiederkehrenden Wechsel der Weltgestaltungen das Beharrliche des Gesetzes aufzufinden und so allmählich durch die Macht der Intelligenz den weiten Erdkreis zu erobern, lehrt die Geschichte den, welcher den uralten Stamm unseres Wissens durch die tiefen Schichten der Vorzeit bis zu seinen Wurzeln zu verfolgen weiß. Diese Vorzeit befragen, heißt dem geheimnißvollen Gange der Ideen nachspüren, auf welchen dasselbe Bild, das früh dem inneren Sinne als ein harmonisch geordnetes Ganze, Kosmos, vorschwebte, sich zuletzt wie das Ergebnis langer, mühevoll gesammelter Erfahrungen darstellt (HUMBOLDT, 2008, p. 14).
- ²³ A revista *Athenaum* foi muito importante para o movimento Romântico, conforme descreve Safranski (2010).
- ²⁴ Die Tolteken erschienen zum erstenmal im Jahr 648, die Chichimeken 1178, die Nahuatlteken 1178, die Acolhuas und die Azteken 1196. Die Tolteken führten den Mais- und Baumwollanbau ein, legten Städte und Straßen an und errichteten die großen Pyramiden, welche wir noch heutzutage bewundern und deren Seiten genau nach den Himmelsgegenden gerichtet stehen. Sie kannten den Gebrauch der hieroglyphischen Gemälde, verstanden es, Metalle zu gießen und die härtesten Steine zu behauen, und hatten ein weit vollkommeneres Sonnenjahr als die Griechen und die Römer. Ihre Regierungsform bewies, daß sie von einem Volk abstammten, welches selbst schon große Veränderungen in seinem gesellschaftlichen Zustand erfahren hatte. Aber wo war die Quelle dieser Kultur? Wo liegt das Land, aus welchem die Tolteken und Mexicaner hervorgegangen sind? (HUMBOLDT, 2008c, p. 164).
- ²⁵ Im 16. Jahrhundert waren die nördlichen Provinzen, Neu Biscaya, Sonora und Neu-Mexico, nur sehr wenig bevölkert. Die Eingeborenen waren Nomaden- und Jägervölker und zogen sich immer weiter zurück, je mehr die europäischen Eroberer nördlich drangen. Bloß der Ackerbau knüpft den Menschen an seinen Boden und entwickelt die Liebe zum Vaterland, und so sehen wir denn auch die aztekischen Kolonisten im mittäglichen Teil von Anáhuac in dem angebauten Strich, nahe bei Tenochtitlan, die grausamen Plackereien, die sich die Sieger gegen sie erlaubten, geduldig aushalten und lieber alles ertragen, ehe sie den Boden, welchen ihre Väter mit eigenen Händen urbar gemacht hatten, räumten. In den nördlichen Provinzen hingegen überließen die Eingeborenen den Eroberern die unangebauten Steppen, auf denen ihre Büffel grasten. [...] (HUMBOLDT, 2008c, p. 166-167).

- ²⁶ Dieser unglückliche Stamm von Azteken, welche dem Blutbad entronnen waren, schien dem Erlöschen unter der Unterdrückung mehrerer Jahrhunderte bestimmt zu sein, und man kann sich kaum überzeugen, daß beinahe 3.500.000 Ureinwohner solch langdauernde Trübsal überleben konnten. Ganz anders als die Chinesen und Japaner fesseln die Bewohner von Mexico und Peru und die Inder am Ganges die Aufmerksamkeit des gefühlvollen Beobachters; denn so groß ist das Interesse, welches das Unglück eines besiegtens Volks einflößt, daß es oft sogar gegen die Abkömmlinge seiner Sieger ungerecht macht (HUMBOLDT, 2008c, p. 168).
- ²⁷ My interest in bringing to light Humboldt's connections to early German Romanticism stems from my conviction that it is precisely the romantic aspect of his thought that paved the way for his open, appreciative attitude toward the cultures he encountered in America [...] (MILLÁN-ZAIBERT, 2004, p. 44).
- ²⁸ Dieser Sprachen sind über 20, und 14 davon haben bereits ziemlich vollständige Sprachlehren und Wörterbücher. Ihre Namen sind folgende: die mexicanische oder aztekische Sprache; die otomitische, die taraskische, die zapotekische, die mixtekische, die Maya- oder die Sprache von Yucatán; die totonakische, die popolukische, die matlazingische, die huastekische, die vermischte, die kakikallische, taramarische, tepehuanische und die korische Sprache. Weit entfernt, bloße Dialekte einer einzigen Sprache zu sein (wie einige Schriftsteller mit Unwahrheit behauptet haben), sind diese Sprachen vielmehr zum mindesten ebenso verschieden voneinander wie das Griechische vom Deutschen oder das Französische vom Polnischen. [...] Diese Mannigfaltigkeit von Idiomen bei den Völkern des Neuen Kontinents (man darf sie ohne Übertreibung zu mehreren Hunderten annehmen) ist, besonders im Vergleich mit den wenigen Sprachen von Asien und Europa, ein äußerst auffallendes Phänomen (HUMBOLDT, 2008c, p. 167).
- ²⁹ Alexander Gottfried Baumgarten (1714-1762), Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781), Gottfried Wilhelm von Leibniz (1646-1716), Wilhelm von Humboldt (1767-1835), Johann Georg Hamann (1730-1788), Christian von Wolff (1679-1754).
- ³⁰ Interessante mencionar obra publicada em 1806 sob o título de Über die Freiheit des Menschen ("Sobre a liberdade dos povos").

Referências

- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia. Ciência da Sociedade**. SP: Atlas, 1992.
- BARBOZA, Jair. **Infinitude Subjetiva e Estética** – a recepção e assimilação dos conceitos de Natureza e Arte de Schelling em Schopenhauer. Tese de Doutorado (Doutorado em Filosofia) – FFLCH-USP, São Paulo, 2000.
- BAUM, Manfred. The beginnings of Schellings philosophy of nature. In: SEDGWICK, Sally (Ed.). **The reception of Kants critical philosophy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p.109-129.
- BEISER, Frederick C. **The imperativ romantic**. The concept of early german romanticism. Cambridge: Harvard University Press, 2002.
- _____. **German Idealism**. The struggle against subjectivism (1781-1801). Cambridge: Harvard University Press, 2013.

- BENJAMIN, Walter. **Romantismo e crítica poética**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 1999.
- BREITENBACH, Angela. Mechanical explanation of nature and its limits in Kant's *Critique of Judgement*. **Studies in History and Philosophy of Biol. and Biomed. Sciences**, n. 37, p. 694-711, 2006.
- CAPEL, Horácio. **Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea**. Barcelona: Temas Universitários, 1981.
- CASINI, Paolo. **As filosofias da natureza**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1987.
- CHERNI, Amor. **Buffon: la nature et son histoire**. Paris: PUF, 1998.
- CISNEROS, Odette Casamayor. Entre Caos y Cosmos. In: ERICKSON, Raymond; FONT, Maurício; SCHWARTZ, Brian (Cord.). **Alexander von Humboldt: From de Americas to the Cosmos**. Center for Western Hemisphere Studies, University of New York, New York, 2004. Disponível em <<http://web.gc.cuny.edu/dept/bildn/publications/AlexandervonHumboldt.shtml>>
- CLAVAL, Paul. **História da Geografia**. Porto: Edições 70, 2006.
- COHEN, Alix. Kant on epigenesis, monogenesis and human nature: the biological premisses of antropology. **Studies in History and Philosophy of Biol. and Biomed. Sciences**, n. 37, p. 675-693, 2006.
- COURTINE, J. F. **Suarez et le système de la métaphysique**. Paris: PUF, 1990.
- EZE, Emmanuel C. (Ed.). **Race and the Enlightenment**. Oxford: Backwell, 1997.
- FICHTE. **Das System der Sittenlehre**. Hamburg: Meiner, 1963.
- FRANKS, P. Subjectivity without subjectivism: Fichtes philosophy today. In: ZÖLLER, G. (Ed.). **The Cambridge companion to Fichte**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- FRANK, Manfred. **A dialética do Eu e não-Eu em Fichte e Schelling**. Fortaleza: UFC Edições, 2007.
- FURST, Lílian. **Romanticism**. London: Coltda, 1971.
- GLACKEN, Clarence J. **Huellas en la Playa de Rodas**. Barcelona: Ediciones Serbal, 1996.
- HENRICH, D. **Aesthetic Judgement and the moral image of the world: studies in Kant**. Stanford: Stanford University Press, 1992.

HERDER, Johann Gottfried. **Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit** [Werke in zehn Bänden, BD 6], hg. Von Martin Bollacher. Frankfurt/Main: Deutscher Klassiker Verlag, 1989.

_____. On the unity of subjectivity. Transc. by Günther Zoller. In: HENRICH, D. **The unity of reason: essays on Kants philosophy**. MIT: Harvard University Press, 1994.

HÖSLER, Vittorio. **O Sistema de Hegel**. O idealismo, a subjetividade e o problema da intersubjetividade. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

HUMBOLDT, Alexander von. **Reisen in den Tropen Amerikas**. Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt GmbH, 1969.

_____. **Südamerikanische Reise**. Berlin: Safari-Verlag, 1975

_____. **Reise in die Äquinoktial-Gegenden des Neuen Kontinents**. Insel Verlag Frankfurt am Main und Leipzig, 1991.

_____. **Briefe aus Amerika (1799-1804)**. Berlin: Akademie Verlag GmbH, 1993.

_____. **Kosmos**. Werke, Band VII/1, Darmstädter Ausgabe, 2008.

_____. **Kosmos**. Werke, Band VII/2, Darmstädter Ausgabe, 2008a.

_____. **Ansichten zur Natur**. Werke, Band V, Darmstädter Ausgabe, 2008b.

_____. **Mexico-Werk**: Politische Ideen zu Mexico. Werke, Band IV, Darmstädter Ausgabe, 2008c.

HUMBOLDT, Wilhelm von. **The philosophic grammar of American Languages**. Org. BRINTON, Daniel G. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/36646/36646-h/36646-h.htm>>. Acesso em 26/03/2012.

HUNEMAN, Philippe. Naturalising purpose: from comparative anatomy to the 'adventure of reason'. **Studies in History and Philosophy of Biol. and Biomed. Sciences**, n. 37, p. 649-674, 2006.

IBER, Christian. O conceito de Eu em Fichte. In: STOLZENBERG, Jürgen; IBER, Christian; FRANK, Manfred. **A dialética do Eu e não-Eu em Fichte e Schelling**. Fortaleza: UFC edições, 2007.

KANT, Immanuel. **Oposcules sur l'histoire**. Paris: PUF, 1990.

_____. **Das Bonner Kant-Korpus**. Elektronische Edition der Gesammelten Werke Immanuel Kant. Disponível em <<http://www.korpora.org./kant>>, 2014.

KEEZER, W.S.S. Spontaneous generation, pre-formation and epigenesis. **Bios.**, v. 36, n. 1, p. 26-32, 1965.

LOUDEN, Robert B. **Kant's impure ethics**: from rational beings to human beings. Oxford: Oxford University Press, 2000.

_____.; ZÖLLER, G. (Org.). **Antropology, History and Education**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

LOWY, Michel; SAYRE, R. **Revolta e Melancolia**. São Paulo: Boitempo, 2016.

MAHL, Hans-Joachim. Novalis und Platon. **Jahrbuch des freien deutschen Hochstifts**, p.139-250, 1963.

MARTINE, Fritz. **Deutsche Literaturgeschichte**. Kröner: Stuttgart, 1991.

MENDOZA, Josefina Gómez; JIMÉNEZ, Julio Muñoz; CANTERO, Nicolás Ortega. **El Pensamiento Geográfico**. Madrid: Alianza Editorial, 2002.

MENHENNET, Allan. **The romantic movement**. London: 1981.

MIKKELSEN, Jon M. (Org.). **Kant and the concept of race**. Late eighteenth century writings. New York: SUN, 2013.

MILLÁN-ZAIBERT, Elizabeth. A 'Romantic' Encounter with Latin America. In: ERICKSON, Raymond; FONT, Mauricio; SCHWARTZ, Brian (Cord.). **Alexander von Humboldt**: From de Americas to the Cosmos. New York: Center for Western Hemisphere Studies; University of New York, 2004. Disponível em <<http://web.gc.cuny.edu/dept/bildn/publications/AlexandervonHumboldt.shtml>>

MORAES, Antonio Carlos R. de. **Geografia. Pequena História Crítica**. São Paulo: HUCITEC, 1984.

MOYA, E.A. Apriorismo, epigenese y evolución em el transcendentalismo kantiano. **Revista de Filosofía**, v. 30, n. 2, p. 61-88, 2005.

MUCCI, Latuf Isaias. A concepção romântica da arte. In: **Ipotesi**: Revista de Estudos literários. Juiz de Fora, v. 3, n 1, p. 117-131, 1999.

NOVALIS, F. von H. **Pólen: fragmentos, diálogos, monólogo**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 1988.

NOVALIS, **Os Discípulos em Saís**. Lisboa: Editora Hiena, 1989.

PAZ, Octavio. **Os filhos do barro**: do romantismo à vanguarda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PIKULIK, Lothar. **Frühromantik**. Epoche, Werke, Wirkung. München: Beck, 1992.

- PIRES, Márcio. **Subjetividade e Sistema na Filosofia Transcendental de Kant**. Tese de Doutorado (Doutorado em Filosofia) – FFLCH-USP, São Paulo, 2014.
- SAFRANSKI, Rüdiger. **Romantismo**: uma questão alemã. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.
- SANCHES, Manuela R. **A Invenção do ‘Homem’**. Raça, cultura e história na Alemanha do século XVIII. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras, 2002.
- SCHLEGEL, Friedrich. **O dialeto dos Fragmentos**. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- SILVEIRA, Roberison W. Dias da. **As influências da filosofia kantiana e do movimento romântico na Gênese da Geografia Moderna**: os conceitos de espaço, natureza e morfologia em Alexander von Humboldt. Campinas, Instituto de Geociências, Unicamp, Dissertação de Mestrado, 2008.
- SPENLÉ, J.-E. **O pensamento alemão**: de Lutero a Nietzsche. São Paulo: Saraiva & CO, 1942.
- TORRES FILHO, Rubens R. **O espírito e a Letra**. São Paulo: Ática, 1975.
- TOSTES, Paulo R. M. Madame de Stäel: Corinne ou L’ Italie. **Revista Cogitationes**: filosofia, artes e humanidades, Juiz de Fora Ano I, n. 01, abril-julho/2010. Disponível em <<http://www.cogitationes.org/arquivos/cogitationes01/stael-corinne.pdf>>
- UNWIN, Tim. **El Lugar de la Geografía**. Madrid: Catedra, 1995.
- VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954. (Documentos Brasileiros, 74).
- VITTE, Antonio Carlos. Filosofia e Geografia em Immanuel Kant. In:_____. **Kant, o Kantismo e a Geografia**. Histórias, Percalços e Possibilidades Interpretativas. Curitiba: Editora Appris, 2014. p.13-46.
- WOLF, Norbert. **Épocas e Estilos: a pintura na era romântica**. Lisboa: Taschen, 1999.

Recebido em: 29/05/2017

Aceito em: 29/06/2017